

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO  
RIO DE JANEIRO  
CURSO DE BACHARELADO EM PRODUÇÃO CULTURAL

DANDARA LOURDES NASCIMENTO

**A FESTA DA CHIQUITA INSERIDA NA FESTA DO CÍRIO DE NOSSA  
SENHORA DE NAZARÉ**

NILÓPOLIS  
2017

DANDARA LOURDES NASCIMENTO

**A FESTA DA CHIQUITA INSERIDA NA FESTA DO CÍRIO DE NOSSA  
SENHORA DE NAZARÉ**

Projeto apresentado à coordenação do Curso de Bacharelado em Produção Cultural, como cumprimento parcial das exigências para conclusão do curso.

Orientador: Jorge Luis Pinto Rodrigues.

**IFRJ - NILÓPOLIS  
1º SEMESTRE DE 2017**

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO  
RIO DE JANEIRO  
CURSO DE BACHARELADO EM PRODUÇÃO CULTURAL

DANDARA LOURDES NASCIMENTO

A FESTA DA CHIQUITA INSERIDA NA FESTA DO CÍRIO DE NOSSA  
SENHORA DE NAZARÉ

Monografia apresentada à coordenação do Curso de Bacharelado em Produção Cultural, como cumprimento parcial das exigências para conclusão do curso.

Aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_\_.  
Conceito: \_\_\_\_\_ (\_\_\_\_\_).

Banca Examinadora

---

Prof. Dr. Jorge Luis Pinto Rodrigues  
(Orientador / IFRJ)

---

Prof<sup>a</sup>. Mestre Ana Luisa Soares da Silva  
(IFRJ)

---

Prof<sup>a</sup>. Mestre Albertina Maria Batista de Sousa da Silva  
(IFRJ)

Aos meus pais Fátima e Valdeci e a minha tia Creseli (*In Memoriam*) que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus pais, Fátima Lourdes e Valdeci Nascimento. Além de me terem dado a vida, também me deram tudo aquilo de que eu preciso para viver uma vida digna e feliz. Obrigado pela compreensão, pela paciência, pelo amor, e por todos os valores que me ensinaram.

Agradeço, também, a minha tia e madrinha Leci Nascimento, por me apoiar nesta etapa conclusiva da minha vida.

Agradeço a minha amável avó Mariana Nascimento, por sua adorável ternura que sente por mim e que sentiu minha ausência no meu momento de reclusão para escrever o TCC. Em breve estaremos juntas.

Ao meu priminho, Pedro Marcelo, por ser minha companhia diária nos últimos meses e por me proporcionar dias mais alegres e engraçados.

Agradeço ao meu namorado, Raphael Ferreira, que trouxe para a minha vida equilíbrio. Agradeço por me aceitar, respeitar e por acompanhar de perto boa parte da minha jornada na Graduação.

Agradeço ao meu melhor amigo, Gustavo Couto, pelas palavras de coragem e afeto.

Agradeço, também, a minha tia de coração, Célia Regina, que me encorajou a concluir esta etapa da minha vida.

Meus agradecimentos aos amigos que fiz, ao longo do curso: Elaine Rosa, Mayare Teixeira, Jéssica Nepomuceno, Leila Oliveira, Vanessa Oliveira e Virgínia dos Santos.

Agradeço a minha querida psicóloga, Denise Machado.

Agradeço ao meu querido professor orientador, Jorge Caê, por toda a orientação e ajuda que me foram dadas.

Agradeço, também, ao Instituto Federal do Rio de Janeiro *Campus* Nilópolis, ao corpo docente do curso de Produção Cultural, à direção e à administração do instituto.

## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso trata sobre a Festa da Chiquita, uma festividade em homenagem a Nossa Senhora de Nazaré, organizada e direcionada para a comunidade de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros (LGBT), realizada no mesmo espaço de tempo em que ocorrem as procissões e outras festividades do Círio de Nazaré, sendo esta a maior festa religiosa do Brasil, organizada pela Diretoria da Festa do Círio, no município de Belém, no estado do Pará. Os conflitos entre a Festa da Chiquita, a Diretoria da Festa e os órgãos públicos paraenses foram amplamente tratados no presente trabalho, a fim de reconhecer o valor da Festa da Chiquita como um evento de resistência, por permanecer há 38 anos em um espaço religioso. Em meio a esses conflitos, o olhar do produtor cultural é a favor da preservação e continuidade da Festa da Chiquita dentro da Festa do Círio de Nazaré. Nesta perspectiva, foi utilizada, neste trabalho, uma combinação de metodologia qualitativa, pesquisa bibliográfica e pesquisa em *sites*, que ofereceram informações necessárias para a sua conclusão. Foi possível concluir que a Festa da Chiquita se tornou uma festa afirmativa e politizada para a comunidade LGBT, mesmo não conseguindo ser reconhecida pela Diretoria da Festa do Círio.

**PALAVRAS-CHAVE:** Festa da Chiquita; Círio de Nazaré; conflitos; produtor cultural.

## **ABSTRACT**

The present final course assignment covers the Chiquita Party, an annual festivity in tribute to Nossa Senhora de Nazaré, organized and targeted the LGBT community (Lesbian, Gay, Bisexual, Cross-dresser, Transsexual and Transgender). It occurs at the same time as other festivities from the Círio de Nazaré, the biggest religious festival from Brazil. The event is promoted by the Círio's Festival Board from the city of Belém in the state of Pará. The issues and conflicts between the Chiquita festivity, the national festival board and government entities from Pará were broadly covered in the present monograph in order to acknowledge the value of the festivity as endurance event for running for 38 years despite the fact, it exists within a religious movement. In the midst of these matters that have lead to conflicts, the perspective from a cultural producer is paramount toward the preservation of the Chiquita festivity inside the national Círio de Nazaré national festival. The outlook applied in this research was a combination of qualitative methodologies, bibliographic and web-site research, which provided the needed information to achieve the completion of this graduation work. Ultimately, the research led to the understanding, the Chiquita party should be a part of the Círio annual event mainly because it has become an affirmative and politicized statement for the LGBT community, even if it has yet to be acknowledged by the Círio's Festival Board.

**KEY WORDS:** The Chiquita Party; Círio de Nossa Senhora de Nazaré; conflicts; cultural producer.

## LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Imagem da trasladação do Círio de Nazaré em 2015.....	15
Figura 2 - Imagem dos devotos de Nossa Senhora do Nazaré segurando a corda na procissão do Círio em 2014.....	15
Quadro 1 - Organização estrutural da Diretoria da Festa do Círio de Nazaré .....	20
Quadro 2 - Patrocinadores e apoiadores da Festa do Círio de Nazaré em 2016.....	23
Figura 3 - Imagem do Veado de Ouro em uma edição da Festa da Chiquita na década de 70.....	26
Figura 4 - Imagem dos organizadores da Festa da Chiquita na década de 70 .....	26
Figura 5 - Localização do trajeto que ocorre a trasladação do Círio de Nazaré e a praça onde é realizada a Festa da Chiquita.....	29
Quadro 3 - Tabela de premiados da Festa da Chiquita no ano de 2011.....	31
Figura 6 - Imagem do Elói Iglesias em cima do "slutgay" na edição da Festa da Chiquita de 2013 .....	32
Figura 7 - Imagem do Elói Iglesias vestido com o figurino da edição da Festa da Chiquita de 2013 .....	33
Figura 8 - Cartaz de divulgação da edição da Festa da Chiquita de 2016 .....	36
Figura 9 - Imagem de uma <i>Drag Queen</i> vestida de Nossa Senhora do Nazaré na Festa da Chiquita, em 2008. ....	37
Quadro 4 - Tabela sobre o relacionamento que a Diretoria da Festa do Círio tem com as festividades profanas que ocorrem em torno do Círio de Nazaré.....	39
Figura 11 - Imagem com o cartaz de lançamento do documentário "As filhas da Chiquita" no Festival do Rio no ano de 2006.....	42

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2. O CÍRIO DE NOSSA SENHORA DE NAZARÉ</b> .....	13
2.1. A festa .....	13
2.2. A Diretoria da Festa e a Guarda da Santa .....	18
2.3. O Projeto Patrocinador Oficial.....	21
<b>3. A FESTA DAS FILHAS DA CHIQUITA</b> .....	24
3.1. O surgimento .....	24
3.2. A festa da Chiquita.....	28
<b>4. OLHARES SOBRE A FESTA DA CHIQUITA</b> .....	37
4.1. O profano e os conflitos .....	37
4.2. A Chiquita virou patrimônio .....	44
4.3. Notas do produtor cultural sobre a Chiquita .....	47
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	50
<b>6. REFERÊNCIAS</b> .....	52

## 1. INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado “A Festa da Chiquita inserida na Festa do Círio de Nossa Senhora de Nazaré” tem como objetivos: apresentar a trajetória da Festa da Chiquita até a edição do ano de 2016; refletir sobre os conflitos da Festa da Chiquita com a Diretoria da Festa do Círio, a Guarda da Santa e os órgãos públicos paraenses; relatar o processo de patrimonialização da Festa da Chiquita dentro do inventário do Círio de Nazaré e apresentar as considerações do produtor cultural sobre a Festa da Chiquita dentro da Festa do Círio de Nazaré, localizado no município de Belém, no estado do Pará.

A escolha por esse tema deu-se no começo de 2016, quando o assunto sobre os conflitos entre a Festa da Chiquita e a Igreja Católica foi apresentado por um aluno, num seminário, na aula da disciplina de Patrimônio Cultural. Como estudante de produção cultural, o interesse foi natural em pesquisar mais sobre a Festa da Chiquita para que tivesse clareza o suficiente a respeito.

O Círio de Nossa Senhora do Nazaré é uma das maiores festas religiosas do Brasil e ocorre desde o ano de 1773. Está diretamente vinculado ao catolicismo sacramental e à elite dirigente, e estes dois são representados pela Diretoria da Festa do Círio e pela Guarda da Santa, que visam organizar e manter a harmonia dos festejos e dos devotos, durante os quinze dias de festividades, que acontecem a partir do segundo domingo de outubro. Neste período, ocorre uma multiplicidade de eventos, com o intuito de homenagear a Santa e essas diversas festividades são realizadas, paralelamente, na chamada Quadra Nazarena, local onde se concentram, também, as procissões em homenagem à Virgem de Nazaré.

No entanto, algumas festividades consideradas profanas como o Auto do Círio, o Almoço do Círio, o Arrastão do Pavulagem, a Feira de Brinquedos de Miriti e a Festa da Chiquita tomaram dimensões que extrapolam o âmbito do sagrado, impostas pelas autoridades eclesiásticas. A Festa da Chiquita é a que mais incomoda a Igreja Católica dirigente da Festa do Círio, por ser uma festa que, além de homenagear a Santa, é também um evento direcionado e organizado pela comunidade de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros (LGBT). Conhecida popularmente como a Festa da Chiquita, esta celebração foi

iniciada, oficialmente, em 1976 e acontece anualmente, no segundo sábado do mês de outubro.

Para que a Festa da Chiquita possa acontecer, é necessário que a procissão, que protege a imagem da Santa, passe pela praça em que está localizada a Festa da Chiquita. Considera-se, assim, que há um respeito por parte da organização, em só começar as profanidades depois que a Santa passa por eles. Ao decorrer das trinta e oito edições, esta festividade tornou-se uma representante da comunidade LGBT paraense e obteve uma estrutura organizacional de um grande evento.

Ao longo dos anos em que a Festa da Chiquita foi ganhando maiores e novas proporções, seus conflitos com a Igreja Católica, a Diretoria da Festa e os órgãos públicos paraenses também aumentaram. As tensões ocorrem a partir da tentativa de não se reconhecer este evento cultural dentro da Festa do Círio de Nazaré e não inclui-lo, desta forma, no calendário oficial das festividades do Círio. Ainda que em contragosto da Igreja, com o tombamento da Festa do Círio de Nazaré, a Festa da Chiquita foi incluída no inventário do Círio como patrimônio cultural imaterial do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Cultural (IPHAN), em 2004.

Em 2011 e nos anos posteriores, houve tentativas, por parte da Diretoria da Festa do Círio, junto com alguns órgãos públicos paraenses de tentar remanejar a Festa da Chiquita para outra localidade. Encurtaram o espaço e diminuíram a sua duração. Em vista desses conflitos, a resistência e importância que a Festa da Chiquita representa, perante a comunidade LGBT, a observação do produtor cultural reconhece que a Festa da Chiquita deve ser preservada para que ocorram próximas edições da mesma e para que possa ser mantida no seu espaço.

A abordagem do trabalho baseou-se na pesquisa qualitativa. Foi necessário um levantamento bibliográfico, que mostrou que ainda carecemos de estudos culturais sobre o tema. Não foram encontrados livros falando, especificamente, sobre a Festa da Chiquita; geralmente os livros abordam a Festa do Círio de Nazaré como um todo e encontramos notas, apenas, sobre a Festa da Chiquita. Assim, foi preciso pesquisar em *sites*, jornais *online*, artigos e em documentos, quando queríamos saber de determinado assunto para a realização deste trabalho. A revisão bibliográfica foi composta pelos respectivos autores: Isidoro Alves (1980; 2005), Arthur Brito e Déric Gomes (2016), Milton da Silva Filho (2014; 2015), João Cruz e Igor de Souza (2016) e Vanda Pantoja (2006).

Contudo, sentimos a necessidade de ouvir o coordenador da Festa da Chiquita, chamado Elói Iglesias, pois ele foi um dos fundadores e luta para permanência deste evento dentro da Festa do Círio de Nazaré. Infelizmente, a entrevista não se realizou; portanto, percorremos outro caminho. Se a entrevista tivesse se concretizado, entendemos que o trabalho contaria com mais dados sobre a produção da Festa da Chiquita. Entendemos por bem não ouvir a Diretoria da Festa do Círio, assim como, também, nenhuma autoridade pública paraense sobre o assunto, pois, além de encontrarmos o posicionamento deles em diversos meios, sejam jornalísticos ou em artigos, esse seria um esforço não comportado por agora.

O trabalho estrutura-se em três capítulos. O primeiro apresenta a história do Círio de Nazaré e sua relevância, perante a comunidade devota da Santa de Nossa Senhora de Nazaré, assim como os impactos que a festividade do Círio causa para o município de Belém; a criação de um novo plano de patrocínio do Círio de Nazaré e a criação da Diretoria da Festa do Círio e, a Guarda da Santa. No segundo capítulo aborda-se o surgimento da Festa da Chiquita e a resistência por manter-se há muitos anos, no mesmo espaço. O terceiro capítulo mostra os conflitos da Festa da Chiquita com a Diretoria da Festa do Círio e os órgãos públicos, e discorre sobre o olhar do produtor acerca da preservação e permanência da referida festa, inserida na do Círio de Nazaré.

## 2. O CÍRIO DE NOSSA SENHORA DE NAZARÉ

### 2.1 A festa

Considerada como a maior festa religiosa do Brasil (ALVES, 1980; PANTOJA, 2006; SILVA FILHO, 2014), o Círio de Nossa Senhora de Nazaré reúne, somente na peregrinação principal, quase dois milhões de pessoas (SILVA FILHO, 2014). Anualmente, é realizado o Círio de Nazaré no município de Belém, no estado do Pará, sendo este diretamente vinculado ao catolicismo sacramental e à elite dirigente (eclesiástica e laica) da festividade (AMORIM ALMEIDA, 2014). A devoção a Nossa Senhora de Nazaré iniciou-se na província de Santa Maria de Belém do Grão-Pará (nome dado ao município de Belém e ao estado do Pará, no período colonial), no ano de 1700. A lenda popular sobre o início da devoção a Nossa Senhora de Nazaré refere-se ao aparecimento da imagem da Santa, achada por um caboclo (ALVES, 1980; SILVA FILHO, 2014; PANTOJA, 2006).

A lenda diz que um caboclo chamado Plácido José de Souza localizou uma pequena imagem de Nossa Senhora de Nazaré às margens do Igarapé Murutucu e, por pensar ser de algum peregrino, levou para a sua casa para entregá-la ao possível dono. Mas, para seu espanto, no dia seguinte, a imagem tinha voltado ao seu lugar de origem. Plácido tentou levar a imagem outras vezes, mas a Santa sempre desaparecia e retornava ao Igarapé. A notícia espalhou-se pela província, e muitos foram à casa do caboclo para comprovarem o fato. A lenda ainda conta que o governador da província, na época, para comprovar o fato, mandou buscar a imagem encontrada e a colocou sob a guarda no Palácio do Governador. No dia seguinte, ao abrirem o compartimento em que havia sido guardada, a imagem não estava mais lá. A Santa havia voltado, novamente, para o lugar em que foi achada. À vista disso, a comunidade católica de Belém construiu uma pequena capela, próxima ao local em que a imagem foi encontrada. A ida dos devotos para a capela deu início a outras formas de homenagear a Santa, como à romaria fora da capela. (PANTOJA, 2006).

Porém, Pantoja (2006) ressalva que Nossa Senhora de Nazaré já era cultuada no município de Vigia, no nordeste do estado do Pará e o culto à Virgem de Nazaré, originário de Portugal, era realizado com procissões religiosas, denominadas de Círio.

Segundo Alves (1980), o primeiro Círio ocorreu oficialmente, no dia 8 de setembro de 1773, a mando do Governador da Província do Grão Pará, Francisco de Souza Coutinho. O Círio inaugural teve a presença e o apoio “[...] de tropas de infantaria e cavalaria, membros da Câmara da cidade, além da Baronesa de Belém, dos fidalgos, dos indígenas e dos escravos” (PELEGRINI, 2007, p. 5). No decorrer dos séculos, a representação simbólica da procissão e o trajeto, basicamente, não se modificaram (ALVES, 2005). No lugar da antiga capela foi erguida uma grande igreja, a Basílica de Nazaré. O local de saída do Círio não é mais o Palácio do Governo. A saída da Santa passou a ser do Colégio Gentil Bittencourt, que fica próximo à Basílica de Nazaré. A transladação, procissão realizada à noite, prossegue para que na manhã seguinte possam ocorrer as celebrações à Nossa Senhora de Nazaré, padroeira do povo paraense (ALVES, 2005).

O Círio de Nossa Senhora de Nazaré é iniciado anualmente no segundo domingo de outubro e os festejos em homenagem à Santa ocorrem durante os quinze dias desse mês. Nesses dias de celebrações, a organização fica sob o controle da Diretoria da Festa do Círio de Nazaré e a Guarda da Santa. Entretanto, no sábado que antecede a primeira procissão do Círio, é organizada, também, pela Diretoria da Festa e a Guarda da Santa, a chamada transladação. Alves (1980) descreve que a transladação:

Trata-se de uma procissão que segue a mesma estrutura do Círio, só que feita à noite em sentido inverso. Por volta das 19:30 horas, a imagem da santa, na berlinda, sai em procissão do Colégio Gentil Bittencourt, que fica quase ao lado da Igreja de Nazaré, e se dirige à Igreja Catedral. No dia seguinte, no domingo, então, da Catedral, sai a procissão do Círio, com destino à Basílica de Nazaré. (ALVES, 1980, p. 29).

Fig. 1: Imagem da transladação do Círio de Nazaré



Autoria desconhecida, 2015.

No dia seguinte da transladação, ocorrem, pela manhã, os festejos em homenagem à Santa, prolongando-se, por quinze dias, a Procissão do Círio de Nazaré, segundo Alves (1980) e Silva Filho (2014). Esta procissão tem uma característica muito peculiar que sintetiza a simbologia dos devotos da Santa, que é o uso da corda durante o percurso da procissão. Anualmente, fiéis disputam um espaço para tocar a corda ou puxá-la com o intuito de pagar promessas ou prestar homenagens à Santa.

Fig. 2: Imagem dos devotos de Nossa Senhora do Nazaré segurando a corda na procissão do Círio.



Autoria desconhecida, 2014.

O primeiro uso da corda na procissão no Círio de Nazaré está datado no ano de 1855. Almeida (2014) afirma que a primeira função da corda foi utilitária, pois a pequena carruagem de quatro rodas e vidraças laterais, chamada de berlinda, era puxada somente pelos bois. Para vencer um atoleiro de lamas, a berlinda foi envolvida numa grande corda, puxada pelo povo, no lugar dos bois. O costume ficou e a corda foi oficializada pela organização da festa, em 1868, substituindo, oficialmente, os animais que puxavam a berlinda.

Durante os quinze dias de festejos, ocorrem diferentes manifestações com o intuito de celebrar, homenagear e pagar promessas a Nossa Senhora do Nazaré. As outras manifestações como o Auto do Círio, são realizadas paralelamente, havendo uma grande organização por trás desses eventos, para que eles possam operar num mesmo espaço de tempo e lugar. Costa *et al.* (2008, p. 6) tratam estas manifestações como um “[...] processo histórico da construção social de um lugar santificado: aquele por onde perambula o ente que santifica e para onde perambularão os carentes dessa santificação”. As distintas manifestações são: o Arraial do Círio, o Almoço do Círio, o Auto do Círio; o Arrastão do Boi Pavulagem, a Festa das Filhas da Chiquita, o Festival da Canção Mariana, o Concurso de Redação sobre o Círio de Nazaré, a Feira de Brinquedo de Miriti, a Exposição de Joias sobre o Manto da Santa e outros.

Os festejos que homenageiam a Santa atraem, para o município de Belém, além dos próprios paraenses, pessoas de outros estados e turistas internacionais. Todos participam, direta ou indiretamente, dos acontecimentos em homenagem à Santa. E, nessas participações, há tanto pessoas devotas quanto não devotas. Portanto, este se tornou mais do que uma festa para o povo paraense: tornou-se o evento principal do Estado do Pará (PANTOJA, 2006).

A última procissão que encerra as homenagens à Santa é o Recírio. Este consiste na volta da Santa ao seu ponto de partida, numa segunda-feira, completando o ciclo de procissões e desfiles que marcam os quinze dias (Costa *et al.*, 2008). Pantoja (2006) descreve, em suas observações de campo, que os devotos assistem a uma missa campal, na Praça Santuário da Basílica de Nazaré e, em seguida, levam a imagem peregrina para a capela do Colégio Gentil Bittencourt, onde ela ficará o ano todo, até se iniciar a trasladação do ano posterior.

Alves (1980) destaca que as procissões ocorridas nesses quinze dias são marcadas por uma entrada e uma saída da Santa no espaço onde se dará a

“performance do ritual”. Os devotos e romeiros deixam de venerar somente a imagem da Santa e passam a se contagiar pela emoção e isso significa um sacrifício muito grande para as pessoas, por elas acharem que esta seria uma possibilidade de estarem mais próximas ao sagrado. “Absorvido, o Círio se torna memória, passado, ao mesmo tempo promessa, futuro (contrato)” (COSTA *et al.*, 2008, p. 27).

Além disso, como identificaram em suas pesquisas, Costa *et al.* (2008) observaram que os devotos que frequentam o Círio, tornam-se:

[...] a energia viva que articula e move os símbolos. Eles criam o momento mágico, enfim a mágica da oportunidade que é o Círio. E consomem o resultado. De modo que o momento da realização do Círio é o momento da sua absorção e os que o realizam são os que o absorvem. (COSTA *et al.*, 2008, p. 27).

O Círio também representa a inclusão de diferentes classes sociais e gêneros, que, a sua maneira, são legitimadas pela devoção. Alguns validam a fé de forma sagrada e outros validam de forma profana, mas sempre mantendo o respeito à Santa. Os autores anteriormente citados (2008) defendem, também, que:

Ela se realiza, também, nas celebrações de pertencimento (à família, a grupo, a lugar), para a exposição aos/dos signos da arte (comunicação performática dos seres sociais), e para as mediações simbólicas e objetivas do poder e do capital (validação/negação de imagens e realização de compras e vendas). (COSTA *et al.*, 2008, p. 4).

Alves (1980) e Silva Filho (2014) identificaram, em suas observações de campo, que os festejos do Círio de Nazaré ocorrem num clima constante de festa coletiva, proporcionada pelos eventos profanos, de algazarra, de um vai e vem constante, com pessoas despojadas e descontraídas. Visto por Alves (1980, p.15) como “[...] uma franca experiência próxima ao carnaval, sem, contudo chegar à inversão total, característica desse outro complexo ritual brasileiro”. Mas, por trás de todo esse clima festivo, acontecem alguns conflitos, por parte da Diretoria da Festa do Círio e a organização das outras festividades consideradas profanas, pela Igreja Católica.

Um dos aspectos que estava sendo analisado, na década de setenta, por Alves (1980) era a insatisfação da autoridade religiosa, já que, popularmente, o Círio

estava sendo chamado de “Carnaval devoto” e a Igreja achava esse termo incompatível, por considerar que o Carnaval era uma festa, essencialmente, profana e o Círio não. Na polêmica, estavam em jogo dois discursos: um marcado pela tentativa de manter o controle da festa sob a autoridade religiosa e outro, identificando-a com olhar popular sobre os festejos e, nesse sentido, tão semelhante com manifestações do carnaval. Por isso, Alves (1980) fez uma provocação, ao nomear sua dissertação, intitulando-a “O Carnaval Devoto”, para que esta fosse uma tentativa em ultrapassar as limitações impostas pela Igreja e o olhar diferente sobre os festejos pela camada popular.

Esse olhar de Alves (1980) sobre o Círio de Nazaré também é assegurado, décadas depois, por Almeida (2014), de maneira mais ampla:

Sua permanência como ícone da cultura local é fruto de várias modificações, provenientes também dos vários conflitos e das tensões geradas pelos diferentes setores – elite eclesiástica, diretoria da festa, estado, devotos, agências de turismo, agências de publicidade e mídia. Cada um, a sua maneira, tem uma visão da festa e, dependendo das relações de poder, tenta estender seus modos de sentir e viver a todos os espaços que a festa alcança e para além dela (ALMEIDA, 2014, p. 183).

À vista disto, para tentar neutralizar ou silenciar essas tensões entre o mundo profano e o religioso, o Círio foi ajustando sua própria estrutura de governança. Convergiram todas as forças, religiosas e laicas, interessadas em manter as necessidades doutrinárias da Igreja e de outros setores, como os empresariais e políticos, a fim de tornar mais eficiente (mantendo o cunho religioso) a realização da festa (COSTA et al., 2008). E, para esta finalidade, foi criada a Diretoria da Festa do Círio de Nazaré.

## 2.2 A Diretoria da Festa e a Guarda da Santa

Com uma nova gestão, a Diretoria da Festa do Círio de Nazaré foi criada em 1910. E esta tem como objetivo organizar todos os eventos considerados, pela Igreja Católica, como integrantes do Círio (PANTOJA, 2006). Segundo as afirmações de Costa *et al.* (2008):

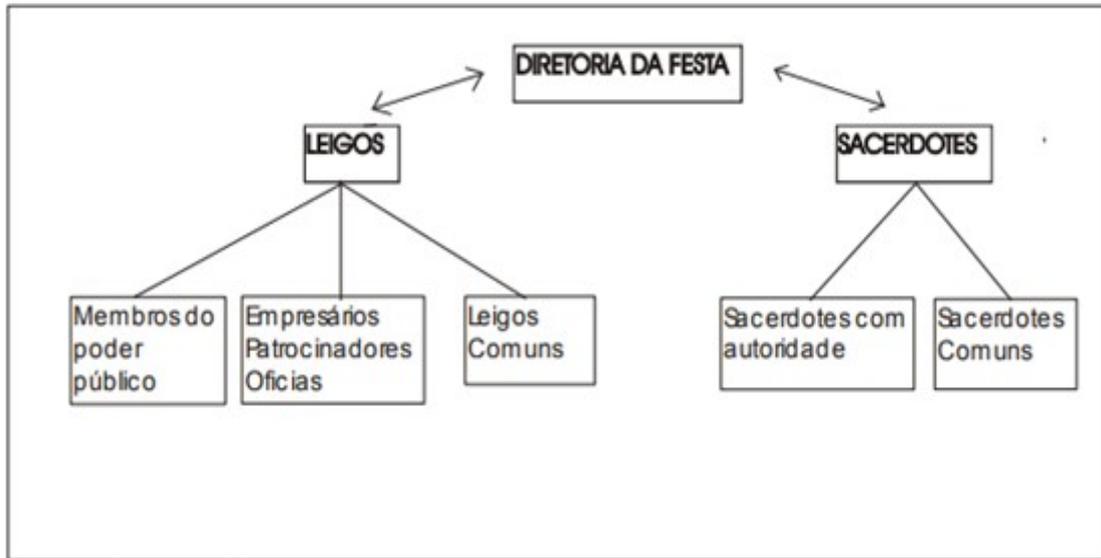
Desde sua versão inicial, a Diretoria da Festa vem articulando representações de diversas Paróquias – dividindo a responsabilidade e expandindo os fundamentos para o conjunto da Igreja de Belém; representações de diversos setores do mundo laico – dividindo responsabilidades, expandido fundamentos e aprofundando a divisão do trabalho com forças sociais e econômicas relevantes da cidade de Belém; e representações de diversos níveis hierárquicos da Igreja Católica – preservando, como força hegemônica, sua orientação doutrinária e simbólica (COSTA et al, 2008, p. 27).

O Círio de Nossa Senhora de Nazaré é um “guarda-chuva” de eventos correlacionados a ele e para acontecer, necessita de uma diretoria que receba uma delegação por parte da Igreja Católica. Em vista disso, a Diretoria da Festa tem que obedecer a determinadas instruções da Igreja para que obtenha um bom resultado sobre as diferentes tarefas que se proponha a realizar. Portanto, “é essa diretoria que se mantém os contatos com as autoridades locais e estabelece a ‘ordem’ dos festejos” (ALVES, 1980, p. 29).

A Diretoria da Festa está ligada diretamente com a Paróquia de Nossa Senhora de Nazaré. É composta por 34 membros que se dividem nas funções de: Conselho Consultivo, Diretoria Colegiada, Diretorias Executivas. As Diretorias Executivas são subdivididas em: Diretoria Administrativo-Financeira, Diretoria de Decoração, Diretoria de Evangelização, Diretoria de Eventos, Diretoria de *Marketing*, Diretoria de Procissões, Diretorias de recursos socioeconômicos e filantrópicos e Diretores Beneméritos. Porém, o Conselho Consultivo e a Diretoria Colegiada não possuem divisões.

No que diz respeito às escolhas de quem deverá integrar os cargos da Diretoria da Festa, estes são escolhidos via indicação do Presidente e do Diretor. Como se observa no Quadro 1, a seguir, sobre a composição da Diretoria, revela-se que há a presença, também, do poder público e de empresários patrocinadores oficiais, dentro da mesma. Todavia, a Diretoria, no nível organizacional, unifica os campos de poder do religioso, dos leigos e dos políticos e serve como mediadora entre a ordem imprimida a partir da orientação da Igreja e a manifestação popular, que se dá ao decorrer da Festa do Círio (ALVES, 1980).

Quadro 1 - Organização estrutural da Diretoria da Festa do Círio de Nazaré



PANTOJA, 2006.

Acerca da duração do cargo do Diretor, ela é válida por dois anos e os demais cargos permanecem pelo tempo de um ano. Em suas pesquisas sobre a Diretoria da Festa, Pantoja (2006) afirma que há uma tendência em se manter a grande maioria dos diretores. Isso significa que, de qualquer maneira, há um certo grau de coesão nas decisões da instituição. Eles não recebem remuneração por parte da Diretoria e desempenham outras profissões, paralelas à instituição. Outro fato que foi constatado é que a composição da Diretoria só pode ser integrada por homens e, para as esposas dos integrantes, cabe somente ajudar nos “detalhes” da festividade, dando-lhes apoio, quando for necessário.

De fato, a Diretoria da Festa do Círio zela por todos os aspectos relacionados à mesma, seja organizando as procissões, o arraial ou tratando da decoração da cidade (ALVES, 1980). Sobre a conduta cristã que os componentes da Diretoria devem ter, Costa et al. (2008) certificam que “[...] o exercício de qualquer função da Diretoria será encarado essencialmente como um serviço cristão, a ser desempenhado com humildade, dedicação e espírito de doação voluntária, isento de qualquer privilégio mundano” (p. 34).

Na medida em que a Diretoria da Festa responde pela Quadra Nazarena que ela representa e para onde convergem as atenções da população durante quinze dias e noites, ela cria um código regido para manter o controle das manifestações populares. Como a ação da Diretoria não pode se confundir com a ação repressiva, uma vez que ela não é uma instituição do Estado, e a sua função é mais voltada

para a Gestão da Festa do Círio, a Guarda da Santa foi criada com intuito de ser correspondente a essa disposição (ALVES, 1980). A criação da Guarda de Nossa Senhora (ou a Guarda da Santa) corresponde a uma visível tentativa da Diretoria de organizar um corpo de controle sobre as manifestações que seriam exercidas pela polícia, visando zelar pela disciplina e manter o respeito nas procissões e outros festejos, na Quadra Nazarena.

A Guarda da Santa foi criada no ano de 1974, cujos componentes deverão, através de um ato voluntário, ajudar a controlar os milhares de devotos, durante os quinze dias de festa, buscando, a partir dos ensinamentos cristãos, obedecerem às normas ditadas pela Diretoria da Festa do Círio. Ela é considerada por Correa (2010) como a primeira “guarda” católica do Brasil. A ação da Guarda da Santa corresponde, também, ao mandato que a Diretoria recebe, quando a Prefeitura Municipal de Belém lhe transfere a Quadra Nazarena, ou seja, a área da praça em frente à Basílica de Nazaré. Durante os festejos à Santa, Alves (1980), assegura que a Diretoria passa a ser a “dona” da praça, no sentido de poder controlar quais eventos que querem se manifestar na área.

Para tal constatação Alves (1980) discorre que a Diretoria da Festa conta com o comando direto com a Polícia Militar do Estado, e funciona como um sistema de comunicação que chega até o devoto sem interferência, mas deixa claro que a Guarda não pode manipular algum tipo de armamento e não pode aplicar, ostensivamente, alguma forma de repressão aos devotos. Alves (1980) revela haver uma preocupação com a presença de policiais, no Círio. “Tal preocupação foi manifestada por um diretor da festa, que inclusive citou o fato de não ‘ficar bem’, num dia do Círio o excesso de polícia.” (ALVES, 1980, p. 34). E o resultado disso foi um grupo de 1.300 vigilantes, formados somente por homens católicos, com o objetivo de conter uma possível desordem, nas festividades do Círio de Nazaré.

### 2.3 O Projeto Patrocinador Oficial

Segundo Pantoja (2006), antes da implantação do Projeto Patrocinador Oficial do Círio de Nazaré, no ano de 2003, a Diretoria da Festa tinha uma forma amadora para buscar patrocínios, em empresas interessadas em atrelar a sua marca à Festa.

E, buscando aumentar o número de patrocinadores, a Diretoria elaborou o Projeto Patrocinador Oficial do Círio de Nazaré. Este projeto visa à captação de recursos para que o Círio e toda a sua programação sejam realizados em cada edição anual da Festa.

Para Matos [entre 2010 e 2016], este Projeto “[...] trata-se se de um contrato estabelecido entre a Diretoria da Festa e as empresas que desejam fazer uso comercial da celebração e dos bens associados ao Círio de Nazaré”, ou seja, as empresas contribuem através de cotas estipuladas pela Diretoria da Festa, efetuando o pagamento em espécie ou em serviço, tendo, assim, a oportunidade de ter retorno do investimento efetuado, firmando a imagem da empresa como uma marca comprometida em realizar a Festa do Círio.

Após esta proposta da Diretoria da Festa com as empresas, os números de patrocinadores aumentaram e diversas empresas de vários setores, como o comércio, indústria, agropecuária e de serviços tornaram-se patrocinadoras. São tantos patrocinadores que, segundo a matéria referente ao Círio de Nazaré, publicado no portal eletrônico do G1, no ano de 2016, afirma-se que a edição da Festa do Círio de 2016 foi a mais cara da história; com o orçamento total de mais de 3 milhões de reais. Porém, segundo o mesmo, a Festa do Círio de Nazaré injetou aproximadamente 1,1 bilhão na economia do Estado do Pará, e o setor que mais contribuiu para este feito foi a área de turismo, porque muitos turistas vão nesse período somente para presenciar as diversas festas, em homenagem à Virgem de Nazaré. Seguem as empresas que patrocinaram o Círio, em 2016.

Quadro 2. Patrocinadores e apoiadores da Festa do Círio de Nazaré em 2016.

<b>Círio de Nossa Senhora de Nazaré</b>	
<b>Projeto Patrocinador Oficial</b>	<b>Empresas</b>
Patrocinadores do ano de 2016	Fofó, Ala, Lifeboy, Seda, Arisco, Claro, Belagua, Bradesco, Cerpa, Companhia Vale do Rio Doce, Crowne Plaza, Delta, Duty Free, Hospital Porto Dias, Ita, Laboratório Beneficente de Belém, Reicon, Unimed, Yamada, Hydro, Grand Mercure de Belém, NET, Centrão telecom.
Apoiadores do ano de 2016	Aço Belém, Albano Martins Advogados, Amorosa, Antônio Pereira Assessoria Trabalhista e Sindical, Cidade Limpa Ambiental, DM Formento Mercantil, Esamaz, Frango Amazônia, Novita, Pomme, Postos Almirante Tamandaré, Quadra Engenharia, Simeral, Sindcon, Tailan, Postos UBN, Unidonto, Celpa, Hipercor, Caçula, Subway, Romanel, Eko, Universidade da Amazônia, Alucar, Marko Engenharia, Celpa, AFFA Engenharia e Arquitetura, LATAM e Fecomércio do Pará.

Própria autoria.

A contrapartida para as empresas patrocinadoras é considerada, por Costa *et al.*, (2008) como “ [...] vantajosa, a partir de um pacote de produtos de *marketing*, aproveitando toda a infraestrutura já existente de mídia e o potencial de venda do Círio de Nazaré” (COSTA et al, 2008, p. 48). As empresas têm as seguintes contrapartidas de patrocínio, segundo Pantoja (2006), dependendo da cota como: o selo oficial do Círio, que poderá ser utilizado em material promocional do patrocinador durante o ano; a colocação do *banner* no *site* oficial do Círio de Nazaré; convite especial e citação destacada como patrocinador oficial na abertura do Círio; cartaz do Círio com a logomarca do patrocinador e bênção oficial do padre da Basílica de Nazaré. Neste momento, também é doada, pela Diretoria da Festa, uma réplica da imagem de Nossa Senhora de Nazaré.

### 3. A FESTA DAS FILHAS DA CHIQUITA

#### 3.1 O surgimento

Eu sou a filha da Chiquita bacana  
 Nunca entro em cana porque sou família demais...  
 Puxei à mamãe, não caio em armadilha...  
 E distribuo banana com os animais  
 Na minha ilha, iê, iê, iê que maravilha, iê, iê, iê  
 Eu transo todas sem perder o tom

E a quadrilha toda grita iê, iê, iê Viva a filha da Chiquita iê, iê, iê  
 Entrei pra "Women's Lib ration Front"

A Filha da Chiquita Bacana – Caetano Veloso (1977)

A Festa das Filhas da Chiquita, também chamada popularmente de Festa da Chiquita, é uma festividade de caráter profano direcionada e organizada pela comunidade de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros (LGBT), que homenageia, da sua maneira, a Nossa Senhora de Nazaré. “A tal homenagem se dá em um luxuoso espetáculo, com muita cor, plumas e purpurina” (LOPES, 2011, p. 164). Segundo as observações de Correa (2010), a Festa da Chiquita é uma “[...] massa compacta, colorida e alegre formada por homossexuais, transformistas, turistas, artistas, jornalistas e curiosos que aguardam a Santa passar para iniciar a Festa da Chiquita” (CORREA, 2010, p. 176).

A Festa da Chiquita ocorre, estrategicamente, dentro da Quadra Nazarena, no município de Belém do estado do Pará, local onde acontecem as procissões do Círio de Nazaré e outros festejos. Segundo Cruz e Souza (2016), a Festa da Chiquita foi oficialmente iniciada em 1976, durante a ditadura militar,<sup>1</sup> no Brasil (1964 – 1985).

A princípio, a Festa da Chiquita reunia “[...] um grupo de boêmios, intelectuais, acadêmicos, artistas, jornalistas, fotógrafos, curiosos, etc.” (SILVA FILHO, 2014, p. 9) e também “[...] se configurava em um espaço acolhedor para os ditos excluídos

<sup>1</sup> Pode-se entender a Ditadura Militar como um período da política brasileira em que os militares governaram o Brasil. Esta se caracterizava pela falta de democracia, pela revogação de direitos constitucionais, censura, perseguição política e repressão aos que eram contra o regime militar.

como homossexuais e prostitutas” (Cruz e Souza, 2016, p. 2). Os encontros do grupo eram realizados entre os anos de 1975 e 1976, no Bar do Parque situado na Praça da República, centro da Quadra Nazarena. A primeira festa do grupo foi idealizada, porque os que participavam dos encontros começaram a fazer uma provocação à Prefeitura de Belém, que, na época, tinha uma campanha com o *slogan* “Santo Antônio casamenteiro o ano todo” e eles fizeram um trocadilho com a frase colocando “Santo Antônio casamenteiro os anus todos”. (BRASIL, 2006).

Tendo o propósito de ter mais visibilidade, perante a sociedade paraense, o grupo montou um bloco de carnaval, em 1976. De acordo com Costa et al. (2008), depois do cortejo carnavalesco, surgiu a proposta de ela ser feita somente pela comunidade LGBT, por meio de uma reivindicação da própria associação carnavalesca da Chiquita, pois esse direcionamento se tornava um posicionamento de reação da comunidade contra a Igreja. Esta, em outras ocasiões, os deixara excluídos da Festa do Santo Antônio Casamenteiro, tendo que ficar, por isso, adentro do Bar do Parque, assistindo a Festa acontecer.

Em 1977, na Festa do Santo Antônio Casamenteiro, o grupo estava no Bar do Parque, e entregaram pela primeira vez o troféu “Veado de Ouro”, que homenageava o *gay* que teve mais atuação para a fomentação da Festa da Chiquita, durante o ano. Em entrevista concedida para o documentário “As Filhas da Chiquita”, de Priscila Brasil (2006), uma das fundadoras da Chiquita disse que o troféu Veado de Ouro tinha uma relação com um jornalista de Belém, chamado Oliveira Bastos. Este fazia algumas matérias falando mal dos *gays* que frequentavam o Bar do Parque. Então foi por isso, de forma debochada, que esse troféu surgiu, em homenagem a ele.

O troféu era feito de porcelana e nele era passado um *spray* dourado para que-chamasse mais atenção, tornando-se o símbolo da Festa. Também foi entregue a faixa de “Rainha do Círio”: esta era “[...] destinada às prostitutas que frequentavam o Bar do Parque” (CORREA, 2010, p. 181). Anos depois, passou a premiar o destaque artístico e/ou personalidade pública da capital paraense, sem fazer distinção à orientação sexual do premiado (Costa et al., 2008).

Fig. 3. Imagem do Veado de Ouro em uma edição da Festa da Chiquita na década de 70.



Documentário "As Filhas da Chiquita" de Priscila Brasil, 2006.

Segundo Cruz e Souza (2016), foi a partir do ano de 1978 que a Festa da Chiquita foi transferida para o Círio de Nazaré, à noite, no sábado da trasladação. Saiu-se do Bar do Parque e ocupou-se a Praça da República, que ficava em frente, porque não havia mais espaço para alocar as dezenas de pessoas que passaram a frequentar a Chiquita.

Fig. 4. Imagem dos organizadores da Festa da Chiquita na década de 70.



Documentário "As Filhas da Chiquita" de Priscila Brasil, 2006.

Nesse ano, também, teve início a chamada “transveadação”. O nome se originou, porque o grupo arranhou um carro com umas flores e colocou o veado em cima delas e eles foram carregando de um bar chamado Garagem, localizado no bairro da Cidade Velha até a Praça da República (Costa et al., 2008). Percebe-se, portanto, que a solução dada para que eles se sentissem integrados aos festejos do Círio de Nazaré era fazer um percurso que fazia alusão à trasladação feita em homenagem à Santa, e, como não podiam fazer parte da procissão, eles colocaram o veado enfeitado, como se fosse a berlinda que carrega a Santa.

Elói Iglesias, um dos fundadores da Chiquita, revela, em sua fala, no documentário “As Filhas da Chiquita” (2006) que:

Ali ficava um grupo que eram as minorias. Elas estavam para a história, mas também estavam enlouquecidas. Era uma festa profana, mas tinha esse respeito, o som só começava quando a santa passava pela praça. A festa rolava até de manhã e só acabava quando a Santa começava a sair.

Depois de algumas edições da Festa da Chiquita, sucedeu-se um aumento significativo no número de frequentadores que se identificavam com a Festa. Para angariar dinheiro para pagar a aparelhagem, para tocar carimbó (estilo musical regional do Pará), os organizadores passavam um caderno chamado por eles de “Livro de Ouro” (CRUZ; SOUZA, 2016). A festa começou a tomar grandes proporções e eles tiveram que pedir autorizações para os órgãos públicos para ocupar a praça.

Em meados dos anos 1980, a Prefeitura não quis dar licença para usar a praça e os organizadores tentaram fazer uma Festa da Chiquita no Parque de Igarapé, longe dos festejos da Santa. Mas, quando a polícia militar descobriu que iriam pessoas fantasiadas de padres e de santas, não deixou acontecer. Acabaram com a festa. Por ter essas características irreverentes, naquele momento, a Festa da Chiquita passou a ter mais características profanas e que também satirizam os ritos religiosos, impostos pela Igreja Católica.

Em entrevista realizada por Cruz e Souza (2016), Elói Iglesias (2016) responde sobre como se dava a relação da Chiquita com as lideranças da Diretoria da Festa do Círio, no início da Festa da Chiquita e como era a estrutura organizacional dela.

Existem os guardas da Santa que é a Diretoria do Círio de Nazaré. É uma organização disputada “no tapa”, pois, como ocorre com toda posição de poder, as pessoas acabam querendo fazer parte dessa diretoria. Elas querem o poder. Durante a organização do Círio, ou seja, durante o ano todo, essas pessoas possuem entrada livre em todos os setores da sociedade paraense. Nos anos 70, nós tentamos brincar um pouco com isso. Com a coisa desse poder. Naquela época, os movimentos sociais, principalmente o que hoje se chama de movimentos LGBTs, mas que naqueles tempos eram chamados de Movimentos Gays - tendo em vista o que aconteceu nos Estados Unidos com o Harvey Milk e aquela galera de São Francisco - refletiu inconscientemente nas pessoas por aqui. Com essas referências todas, começamos a brincar com isso e criamos uma diretoria paralela da Festa, mas de uma maneira mais avacalhada, mais anárquica e com os referenciais da contracultura, começamos a brincar com esse poder das elites locais (IGLESIAS, 2016, p. 3).

Portanto, desde a década de 1970, a Festa da Chiquita vem resistindo, de forma irreverente e transgressora, e, por suas características atenuadas, ela é considerada, por Cruz e Souza (2016), como a mais antiga manifestação cultural e política da comunidade LGBT brasileira.

### 3.2 A festa da Chiquita

Chiquita Bacana  
 Lá da Martinica [...]
   
Não usa vestido
   
Não usa calção
   
Inverno pra ela
   
É pleno verão
   
Existencialista
   
Com toda razão
   
Só faz o que manda
   
O seu coração

Chiquita bacana- Alberto Ribeiro / João De Barro (1946)

A Festa da Chiquita continua a acontecer, anualmente, no segundo sábado do mês de outubro. Só começa quando a transladação que leva a imagem de Nossa Senhora de Nazaré passa pela Praça da República. Existe um bordão da população LGBT paraense, quando se despede: falam: "Te vejo na Chiquita!" (SILVA FILHO, 2014). Entrevistado por Cruz e Souza (2016), Elói afirma que “a Chiquita hoje faz parte do espírito da cidade, do imaginário do povo de Belém [...] as pessoas se encontram e uma síntese de todo o ano acontece entre elas” (CRUZ e SOUZA, 2016, p. 4).

Fig. 5. Localização do trajeto que ocorre a trasladação do Círio de Nazaré e a praça onde é realizada a Festa da Chiquita.



BRITO; GOMES, 2015.

Logo nas primeiras edições, a Festa da Chiquita, na década de 70, passou a ter uma representatividade e grande visibilidade perante a comunidade LGBT paraense. Por isso, foi necessário possuir uma estrutura organizacional de um grande evento, pois foi isto que ela acabou se tornando. O controle da Festa da Chiquita pertencia a um grupo de amigos e, no início da década de 80, passa a ter contornos mais amplos. Como podemos perceber na narrativa de Luís França (um dos fundadores da Festa) para Correa (2010), “[...] a brincadeira vira coisa séria, um momento oportuno para movimentos sociais reivindicarem direitos de respeito e de tolerância a diferentes opções sexuais, à inclusão social de grupos étnicos diversos” (CORREA, 2010, p. 181).

Tendo em vista a necessidade organizacional para a continuidade da Chiquita, segundo Silva Filho (2015), foi a partir da década de 1990 que a Festa da Chiquita passa a ter a coordenação geral de Elói Iglesias. Ele propõe um novo modelo de gestão que é “[...] pautada sobre alianças com vários setores e instituições da cidade, através da entrega de prêmios, por exemplo, possibilitam a continuidade da Festa, assim como sua visibilidade na esfera pública e política” (SILVA FILHO, 2015, p. 2), como contrapartida para a contribuição financeira para a realização da Festa. Assim sendo, a Festa da Chiquita transforma-se em um grande evento com palco, som, iluminação, material de divulgação e decoração material,

camarim e até área *vip*, tornando-se “[...] uma festa popular que segundo estimativas pela concentração na Praça da República e dos transeuntes que param para assisti-la pelo menos de passagem ultrapassam as 500 mil pessoas” (COSTA et al., 2008, p.75) e cerca de 40 mil pessoas que vão somente para a Chiquita (LOPES, 2011).

Segundo José Lopes (2011), a realização da Festa da Chiquita assumiu um papel importante para a comunidade LGBT, porque este evento ocorre todos os anos, há décadas, sem interrupções e se configura, assim, como um evento tradicional do Estado do Pará. Lopes (2011) acredita que “[...] transforma-se em tradição aquilo que é pertinente e, portanto, encontra correspondência e é assimilado por confluir para o objetivo central, que é louvar a Santa. O que não possui pertinência, não vinga” (LOPES, 2011, p. 165).

Sobre a nova dinâmica de funcionamento, a Festa precisou contar com um maior número de funcionários. Em 2008, tiveram “[...] 5 profissionais regulares e cinco contratados por serviços prestados para a realização específica para certas atividades do evento, como a parte do palco e som” (COSTA et al., 2008, p.75). Comparado ao número de integrantes da Diretoria da Festa do Círio, podemos considerar que a Festa da Chiquita é mais modesta que o Círio, em termos de organização. Sobre a pré-produção da Festa da Chiquita, Costa et al., (2008) relatam que:

[...] existe uma parte puramente organizacional, como o projeto, inclusive, com logotipo e logomarca da festa para aquele ano, que é submetido para obter recursos, em caráter de convênio, com o governo do estado, bem como a eliminação de certos entraves burocráticos para sua realização como, por exemplo, a concessão das licenças públicas junto a Companhia de Transportes do Município de Belém (CTBEL), a Divisão de Polícia Administrativa (DPA), Secretaria Municipal de Meio Ambiente (SEMMA) e, ainda, o Escritório Central de Arrecadação e Distribuição (ECAD) (COSTA et al., 2008, p. 76).

E também de acordo com Costa et al. (2008), a Chiquita passou a precisar de obtenção de financiamento de instituições públicas e empresas, e, com essa finalidade, foi criada a Companhia Paraense de Performance, uma instituição privada sem fins lucrativos, caracterizada como uma “[...] organização científica, artística e cultural” (COSTA et al., 2008, p. 75). Tem como presidente o Elói Iglesias, tendo este a função, também, de cantor, performer e artista. A Companhia Paraense de Performance produz, além da Festa da Chiquita, outros projetos culturais, como Prêmio Estímulo Funarte, em 1996; *Shows Nazaré* em todo o canto, realizados de

1999 a 2007, na Estação das Docas, durante o Círio de Nazaré; Bloco “Fofó de Belém”, que, há mais de 15 anos, realiza o carnaval de rua do município de Belém.

Sobre as premiações entregues na Festa da Chiquita, com o tempo, passaram a ter uma maior dimensão na festa e se tornaram o ponto ápice dela. As premiações estão relacionadas às pessoas que divulgam e/ou apoiam a causa LGBT e a Chiquita. Como observaremos no Quadro 2, a seguir, foram adicionadas mais premiações ao longo dos anos, porque os vencedores de cada categoria possibilitam de uma forma ou outra, a continuidade da Festa. As seguintes categorias consagram aqueles que, durante o ano, configuraram-se como destaques. São artistas e/ou personalidades públicas da capital paraense (Rainha do Círio), a lésbica (Botina de Prata), o homem *gay* (Veado de Ouro), a personalidade paraense (Walter Bandeira). Premia também o comunicador/jornalista (Mauro Faustino), o poder público, personalidade e artistas que se destacam no apoio à Festa da Chiquita (Amigos da Chiquita).

Para ilustrar essa premiação, citem-se algumas personalidades homenageadas pela Festa da Chiquita, que foram premiadas durante as edições: a cantora Lucinha Bastos, com o prêmio Rainha do Círio; André Lima, com o prêmio Veado de Ouro; o jornalista Bernardino Santos, do jornal *O Liberal*, levou o prêmio “Mário Faustino” e a cantora Mariana Belém, filha de Fafá de Belém, com o prêmio “Walter Bandeira. Vejamos, a seguir, no quadro 2, os premiados do ano de 2011, na 33ª edição:

Quadro 3. Tabela de premiados da Festa da Chiquita no ano de 2011.

<b>Premiados</b>	<b>Prêmios</b>
Marinor Brito (senadora)	Rainha do Círio
Jean Wyllys (deputado federal)	Veado de Ouro
Fafá de Belém (cantora)	Walter Bandeira
Bernardino Santos (colunista)	Mauro Faustino
Edmilson Rodrigues (deputado estadual) Helder Barbalho (prefeito de Ananindeua)	Amigos da Chiquita
Duda Lacerda (ONG COR)	Cidadania LGBT
Heloisa Freitas (Alessa)	Orgulho LGBT

SILVA FILHO, 2015.

Além das premiações, Silva Filho (2014) descreve o roteiro da Festa da Chiquita, relatando que a mesma segue com apresentações de várias bandas, tocando músicas populares do estado do Pará. Além disto, é aberto espaço para a

música eletrônica, onde um DJ faz a mistura de ritmos, tocando música brega eletrônica. Também se apresentam no palco *Drag queens*, interpretando cantoras internacionais, com a participação de Elói que, em “meio as performances de seus colegas de palco, faz declarações humoradas e escrachadas em defesa da liberdade sexual” (CORREA, 2010, p.176).

Em 2013, uma matéria do portal eletrônico G1, sob o título de "Festa da Chiquita", informou que Elói inicia o evento em um palco montado na Praça da República, dizendo: “É o amor se fazendo em carne”. Uma alusão ao sagrado e profano, ambos caminhando lado a lado. Ao longo da matéria, logo depois da fala de Elói, uma música do cantor e compositor Cazuza inicia-se do alto de uma grua (chamada pelos organizadores de “slutgay”). Vestido num figurino branco, que é definido pelo próprio Elói como algo que mistura o carnavalesco, indígena e *Drag queen*, é visto em um palco de dois andares, montado de frente para a Avenida Principal. Como é mostrado nas figuras 5 e 6 a seguir:

Fig. 5. Imagem do Elói Iglesias em cima do "slutgay" na edição da Festa da Chiquita de 2013.



Henrique Felício/O Liberal.

Fig. 7. Imagem do Elói Iglesias vestido com o figurino da edição da Festa da Chiquita de 2013.



MOURA, 2013.

Considerada pelos próprios organizadores como a parte profana do calendário do Círio de Nazaré, a Chiquita “[...] também representa um movimento de cidadania do Movimento LGBT, na busca por igualdade e solidariedade” (COSTA et al., 2008, p. 75). Por isso, os organizadores da Festa da Chiquita, em 2001, tinham como prioridade a elaboração de um projeto, que visava o trabalho de prevenção às Doenças Sexualmente Transmissíveis, para os frequentadores da Chiquita. O projeto está em vigor, desde 2002 e chama-se “Chiquita Segura e Consciente”. Divulga-se a partir de material informativo, apresentando dados epidemiológicos, cartazes, banners e distribuem-se preservativos.

O coordenador do projeto “Chiquita Segura e Consciente”, Roberto Paes, explica, em entrevista para o portal eletrônico do Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis (ITS), da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (HIV/ AIDS) e Hepatites Virais, em 2006, que, na Festa da Chiquita, ocorre uma libido sexual muito forte, que, aliada ao consumo de bebidas alcoólicas, deixa o público vulnerável às doenças sexualmente transmissíveis. Isso poderia dificultar o seu trabalho, mas a maneira como é realizada a prevenção, com música e diversão, atrai o público presente, que, segundo ele, sempre é muito receptivo com o projeto. Através desse projeto e a fala

do coordenador deste, percebe-se que a Festa da Chiquita tem também o enfoque de conscientização contra doenças sexualmente transmissíveis.

No ano de 2013, Elói foi protagonista de um curta metragem intitulado "Elói: O Fauno Sagrado", dirigido por Ryan Lm. O curta metragem conta sua biografia. Aborda, também, seus trabalhos em prol da comunidade LGBT e expõe a Festa da Chiquita como a mais antiga manifestação *gay* do Brasil. De acordo com Cruz e Souza (2016), em 2014, parte dos organizadores e dos frequentadores foram para São Paulo para participarem da Parada LGBT. Nesta viagem, eles também foram homenageados na Festa Preparada, um evento organizado por estudantes do curso de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo (USP).

Foi realizada, no ano de 2015, a exposição coletiva "TransAções: A Chiquita Profana", no Casulo Cultural, em São Paulo. Segundo a síntese feita por Alan Jones, Ed Amanjás e Renata Aguiar, no ano de 2015, para a plataforma eletrônica do Casulo Cultural, a exposição faz frente de resistência à tendência reacionária que se instala no país, representando as diversas maneiras e formas de ser e existir transexual, tendo a Festa da Chiquita como referência para os transexuais paraenses.

Ressalta-se que havia falta de verbas e de patrocinadores, ao contrário da Festa do Círio de Nazaré, que tem muitos patrocinadores interessados em associar sua marca com a festividade. Por isso, na 37ª edição da Festa das Filhas da Chiquita, em 2015, Elói utilizou a plataforma do "Eu Patrocínio", uma forma de patrocínio coletivo, na qual qualquer pessoa ou empresa, pela plataforma, pudesse participar, contribuindo para a realização da Festa, com várias cotas de patrocínio, com valores de 20 reais a 150 reais e as empresas com cotas maiores, de R\$ 1 mil, R\$ 2,5 mil e R\$ 5 mil. Segundo a plataforma do "Eu Patrocínio", acerca da contrapartida, os patrocinadores poderiam receber: adesivo + agradecimentos especiais no *Facebook*, adesivo + camisa + agradecimentos especiais no *Facebook*, logomarca na sinalização do palco + logomarca na chancela da mídia digital + locução de *off* de palco. A meta era atingir 20 mil reais. Porém, os organizadores conseguiram somente 225 reais e tiveram só 8 patrocinadores. A tentativa de obter patrocínio coletivo não foi bem sucedida, como os organizadores idealizavam. O apoio popular poderia ser a solução para garantir a realização do evento. Em entrevista para o *site* do *Diário Online*, em 2015, Elói tenta explicar a falta de patrocinadores para esta edição. Ele afirma que:

A ideia da religião atrelada ao segmento LGBT é entendida como perigosa. As marcas e os políticos não querem se comprometer, e ano que vem tem eleição. Mesmo a gente sabendo que [a sociedade] já evoluiu muito, que o segmento LGBT também vota e que é um grande público, não tem patrocínio.

Segundo o portal eletrônico do G1, em 2015, a Festa da Chiquita aconteceu de forma mais reduzida. Os organizadores tiveram que cortar algumas bandas da programação e diminuíram o número da equipe de seguranças. Na mesma matéria, Elói questiona sobre o futuro da Festa da Chiquita, nos próximos anos, com a pergunta, “a questão é: vamos nos unir para que ela possa acontecer ou vamos deixar que ela continue tombada e não ocorra mais?”.

Em busca de outros meios, parcerias e patrocínios, em 2016, a empresa de cosméticos canadense MAC realizou um convênio com a Festa da Chiquita. A marca apoiou o evento com uma série de ações que antecedem a festa. Segundo o portal eletrônico do *Diário Online*, os maquiadores Ricardo dos Anjos, e Sal Moretti ministraram *workshops* voltados para a comunidade LGBT, frequentadora da Festa e para as *Drag queens* que iriam se apresentar na Chiquita. A marca também foi a maquiagem oficial do evento. Os participantes da Festa tiveram disponíveis produtos e estrutura para sua preparação. Os vencedores do tradicional concurso realizado na Chiquita, nas categorias 'Rainha do Círio', 'Mario Faustino', 'Walter Bandeira' e 'Veado de Ouro' ganharam kits com produtos da marca. A Festa também obteve o inédito patrocínio do Banco da Amazônia, segundo a publicação no *Diário Oficial da União* (DOU), de 20 de junho de 2016. O valor do projeto aprovado foi de 15 mil reais para a 38ª edição da Festa da Chiquita.

Fig. 8. Cartaz de divulgação da edição da Festa da Chiquita de 2016



Marca Negra (2016).

## 4. OLHARES SOBRE A FESTA DA CHIQUITA

### 4.1 O profano e os conflitos

É quando se interrompe o som do microfone do animador da Fé-sta<sup>2</sup> do Círio, que antes colaborava cantando e louvando juntos aos fieis em homenagem à passagem da santa, e se ouve o som do animador de outra festa que está para começar. “Nossa Senhora já passou, já abençoou todo mundo e agora começa o lado profano do Círio!” (BRITO; GOMES, 2016, p. 216).

Fig. 9. Imagem de uma *Drag Queen* vestida de Nossa Senhora do Nazaré na Festa da Chiquita, em 2008.



FERREIRA, 2008.

A frase do animador da Festa da Chiquita na edição do ano de 2014, ao anunciar que estaria começando a parte profana do Círio de Nazaré, sinaliza que a Festa da Chiquita ultrapassa as regras sagradas impostas pela Igreja Católica, ou seja, visa a produzir um evento que faz uso abusivo de práticas consideradas como impuras ou indignas, pelo ponto de vista cristão.

Porém, Alves (1980) considera que, mesmo sob a tentativa de controle da Igreja Católica, da Diretoria da Festa e da Guarda da Santa, a Festa do Círio de

<sup>2</sup> A separação da palavra fé-sta, utilizada pelos autores Brito e Gomes (2016), é um recurso analítico-intelectual usado por eles para diferenciar a fé-sta sagrada da outra festa, que é a Festa da Chiquita, caracterizada por seu caráter profano.

Nazaré torna-se “[...] um encontro onde se exige certo grau de respeito, como se concede certo grau de desordem ou informalidade” (ALVES, 1980, p. 86). E neste encontro, a Festa da Chiquita e outras festividades consideradas profanas, como Almoço do Círio, Auto do Círio, Arrastão da Pavulagem, Feira de Brinquedos de Miriti rompem com a hierarquia cristã, porque estas se opõem às regras conservadoras, à moral e aos bons costumes, negando as concepções estabelecidas pela Igreja Católica.

Durkheim (1996), em seus estudos sobre religião, considera, que o “[...] sagrado e o profano foram pensados pelo espírito humano como gêneros distintos, como dois mundos que não têm nada em comum” (DURKHEIM, 1996, p. 51). Mas na Festa da Chiquita sucede-se o contrário: neste festejo, está presente o sagrado e o profano, paralelamente, pois “[...] ao mesmo tempo é uma homenagem alternativa à Santa e um protesto à marginalização que os membros dessa festa sofrem por serem conectados ao movimento LGBT” (DE BRITO; GOMES, 2016, p. 209) e os mesmo autores afirmam que “[...] este evento afeta diretamente os princípios estruturados pela Igreja Católica, pelo Estado, e pela Diretoria da Fé-sta (do Círio) por se opor à sacralidade que a fé-sta simboliza” (p. 209).

Depois de algumas décadas sendo “excluída” dos festejos em homenagem a Nossa Senhora de Nazaré, a Festa da Chiquita, na década de 90, resolveu “[...] explorar o lado profano do próprio Círio, evento o qual se mantém atrelado simbolicamente” (SILVA FILHO, 2015, p.10) tornando-se um sujeito participante da Festa do Círio, independente do que a Diretoria da Festa e as Instituições Públicas iriam considerar ou não uma festa legítima em homenagem à Santa (PANTOJA, 2006). Em consequência disto, ao longo dos anos, a Festa da Chiquita tem passado com a Diretoria da Festa do Círio e Instituições Públicas momentos de “[...] confrontos, embates e disputas por sua permanência no calendário festivo da Celebração de Nazaré” (CORREA, 2010, p. 175).

Deveras, a Festa da Chiquita tem uma problemática muito maior do que outras manifestações profanas que ocorrem dentro da Festa do Círio. O maior indício é porque esta se trata de um evento organizado e direcionado à comunidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais (LGBT) e as outras não. Isso porque a Igreja Católica ainda considera a homossexualidade como algo “[...] perverso ou desviante, um caso de desenvolvimento interrompido, um caso passível de tratamento, em suma, uma aberração à norma heterossexual” (FREITAS;

MARINHO, [entre 2010 e 2016]). Em razão disto, é o evento profano em que transcorrem mais conflitos, como sinaliza o Quadro 4, a seguir.

Quadro 4: Tabela sobre o relacionamento que a Diretoria da Festa do Círio tem com as festividades profanas que ocorrem em torno do Círio de Nazaré.

Manifestação	Descrição	Posição da DF em relação à manifestação
Almoço do Círio	Um dos rituais mais importantes da celebração do Círio. Geralmente acontece após a Procissão do Círio, quando as pessoas retornam para casa, recebem amigos e parentes para o rito da comensalidade. Pratos típicos são servidos na ocasião, como pato no tucupi e maniçoba, além de inovações como churrasco, peru e pernil.	Positiva
Arrastão do Pavulagem	Cortejo com música e dança organizado por um grupo musical da cidade chamado Arraial do Pavulagem. O Primeiro "arrastão" foi realizado no ano de 2001. Acontece sempre no segundo sábado de outubro após a Procissão Fluvial, sai da Praça dos Estivadores segue pelo <i>Boulevard</i> Castilho França rumo a Praça da Carmo.	Indiferente
Auto do Círio	É organizado pela Escola de Dança e Teatro da Universidade Federal do Pará e foi realizado pela primeira vez no ano de 1993. É um cortejo teatral-carnavalesco com tema e personagens que lembram o Círio. Tem berlinda, santa estilizada e carro alegórico. O cortejo sai da Praça do Carmo na segunda sexta-feira de outubro às 19 horas e percorre o centro histórico da cidade.	Tensa
Feira de Brinquedos de Miriti	Não se sabe exatamente quando surgiu a tradição do brinquedo de miriti no Círio. Mas sabe-se que é um dos símbolos mais expressivos de devoção à Virgem de Nazaré. A feira acontece na Praça do Carmo e Praça Frei Caetano Brandão (Praça da Sé), desde a segunda semana de outubro até o domingo da Procissão do Círio. Os vendedores são em sua maior parte do município de Abaetetuba.	Positiva
Festa das Filhas da Chiquita	Acontece desde final da década de 1970. É uma festa organizada por homossexuais e simpatizantes. É realizado na Praça da República, no segundo sábado de outubro logo após a passagem da procissão da Trasladação.	Conflituosa

PANTOJA, 2006.

Brito e Gomes (2016) discorrem sobre a questão territorial que, para eles, é também gerador dos conflitos relacionados à Diretoria da Festa com a Festa da Chiquita, visto que está posicionada, especialmente, próxima às avenidas onde ocorre a transladação e por acontecer minutos depois que a procissão passa onde está localizada a Festa da Chiquita. Todavia:

Os dois agentes territoriais buscam se territorializar neste espaço específico durante uma noite, para assim manifestarem, a partir de relações de poder, crenças, desejos, paixões e tudo aquilo que os permitia, através de mediação do espaço, reproduzirem-se enquanto grupos sociais (BRITO; GOMES, 2016, p. 22, *apud* HAESBAERT, 2012).

A caracterização do público e das *Drag queens*, que se apresentam no palco da Chiquita com suas roupas extravagantes, é outro aspecto que, para a Igreja Católica, aparta, ainda mais, a sua relação com a Festa da Chiquita. Destacado nas observações de Campo de Silva Filho (2014), a erotização, a sensualidade, o clima de “azaração”, o uso de bebidas alcólicas e a informalidade dos sujeitos que fazem a Chiquita acontecer é alvo, também, do desprezo por parte da Igreja Católica.

Padre Ronaldo, da Igreja Trindade, do município de Belém, entrevistado por Correa (2010), afirma que, para que a Festa da Chiquita tenha continuidade em um espaço religioso, seria necessário que ela estivesse mais próxima às condutas sagradas. Para o Padre:

[...] O ideal seria que estes acessórios culturais pudessem ser purificados aos poucos. [...] Conheci a Festa da Chiquita no ano passado, quando voltava da transladação. Creio que é um ambiente de festa aonde não vão famílias, e sim jovens que consomem bebidas, fazendo misturas fortes. Esses tipos de bebidas e afins não ajudam na celebração de nenhuma festa em um ambiente se aproveita algo. Boas músicas, qualidade, famílias reunidas para refeição, não vi isso lá. Nada contra a festa, cada qual realiza seu evento de sua maneira. Creio que a igreja não apoia formalmente, pois cada um deve saber aonde pode ou deve ir em relação a qualquer lugar, mas essa festa, ela não pode ser considerada como homenagem à Virgem de Nazaré, porque é contrária a todos os princípios defendidos pela Igreja (p. 178).

Contrariando a fala do Padre, Elói Iglesias, entrevistado por Cruz e Souza (2016), discorre sobre a religiosidade dos frequentadores presentes na Festa da Chiquita:

(risadas) Sabe que quanto mais gay e mais trans é, mais católico se é! Aqui todas são carolas e a religiosidade é muito forte. Todas as casas possuem imagens da Virgem, as pessoas todas vão para a Igreja. As pessoas têm suas respectivas religiosidades e sempre questionam isso também, são respeitadas e se suas crenças e por outros também. Eles são tementes a Deus [...] (CRUZ e SOUZA, 2016, p.5).

Reforçando a fala de Elói sobre a religiosidade dos frequentadores da Chiquita, entrevistado por Correa (2010) o transformista Janderson Souza diz que:

A Festa da Chiquita é tudo de bom. É o evento. É a homenagem que prestamos a Nossa Senhora [...]. Pode quem quiser achar que ela não presta ou coisa do gênero. Isso não afeta a festa e quem a faz. Ela é a nossa cara. É a forma mais colorida e alegre de saudar a Nossa Padroeira [...]. Todo ano eu me monto, me produzo toda. Faço roupa especial, copio o figurino das cantoras internacionais, das divas do cinema... É o momento do glamour... A brincadeira é linda, é sadia. Todo ano, quando a gente tá no camarim e é anunciado que a berlinda está passando, as monas choram, a gente se abraça e reza pedindo proteção... E é claro que ela nos protege, ela sabe o que fizemos ali é uma homenagem que veio para somar... Todos somos filhos de Deus e de Maria... É isso aí mona... (CORREA, 2010, p. 179).

As falas dos entrevistados, segundo Correa (2010) e Cruz e Souza (2016), expressam as diferentes opiniões sobre a Festa da Chiquita em permanecer dentro da Festa do Círio de Nazaré, pois cada um tem a sua maneira de ver, sentir e de reagir sobre esta festa de caráter profano. Porém, as falas dos entrevistados indicam que cada um deles reivindica este espaço, onde possam torná-lo um momento em que expressam e afirmam seus valores. Mas diante da maior festa religiosa do estado e quiçá a maior festa religiosa do mundo<sup>3</sup>, quem não gostaria de estar lá, vivenciando a sua maneira os conjuntos de Festas do Círio de Nazaré?

Os conflitos entre a Igreja Católica, a Diretoria da Festa e a Festa da Chiquita são comprovados e registrados no documentário “As Filhas da Chiquita”, produzido e dirigido por Priscila Brasil. Realizado de forma independente, entre 2002 e 2005, o filme mostra exatamente como é possível 2 milhões de religiosos conviverem, paralelamente, com 40 mil homossexuais, no mesmo espaço. Segundo Silva Filho (2015), o documentário corrobora com as tensões entre as pessoas envolvidas direta e indiretamente com a Festa da Chiquita. No filme, a fala de Elói Iglesias é marcada pela tentativa de conciliar a Igreja e a Festa da Chiquita, para que a Diretoria da Festa possa englobá-la, de fato, no calendário oficial do Círio. Por outro lado, tem o pároco e uma senhora “carola”, que acreditam piamente na separação destas partes e que “[...] enquadram a Chiquita num lugar de abjeção, de pecado, de perigo - e quase crime” (SILVA FILHO, 20015, p. 195) e também um senhor heterossexual que prega que todos têm o direito de participar das festividades do Círio de Nazaré.

---

<sup>3</sup> Segundo o portal eletrônico do Terra, a maior festividade religiosa do mundo é a celebração ao Kumbh Mela, realizado no Allahabad, norte da Índia. O número de participantes desse festejo é de aproximadamente 30 milhões de hindus em 2013.

Fig. 11. Imagem com o cartaz de lançamento do documentário "As filhas da Chiquita" no Festival do Rio no ano de 2006.



Autoria desconhecida, 2006.

Em 2015, um projeto de lei foi apresentado na Câmara Municipal de Belém, propondo que a Festa do Círio de Nazaré seja reconhecida como Patrimônio Cultural da Cidade. Porém, uma grande parte da bancada dos vereadores, naquele período, tinha uma opinião mais conservadora e excluiu a Festa da Chiquita no texto final do projeto de lei que foi aprovado no dia 15 de julho de 2015. Segundo o portal eletrônico do *Diário Online*, a justificativa do Prefeito do município de Belém é de que a Festa da Chiquita não é elemento integrante das festividades religiosas, pois não faz parte da programação oficial do Círio. O fato de ser uma festa tradicional, e que ocorre às vésperas da maior procissão da cidade não a faz elemento essencial do Círio. Para maior consternação, é notado um preconceito de gênero por um movimento na bancada para a exclusão da festa dentro do Círio, porque outras manifestações culturais profanas foram incluídas e aprovadas no projeto de lei e a Chiquita não, segundo a matéria do portal eletrônico do *Diário Online*.

Rondam boatos e rumores sobre o destino da Chiquita. Muitas matérias são divulgadas falando em mudar o seu endereço, descaracterizando um dos maiores

efeitos simbólicos da Festa, que é estar numa praça pública e num dos pontos do trajeto do Círio de Nazaré. Mas, em 2014, não foram somente boatos: a Diretoria da Festa enviou um projeto com a proposta de remanejar a Festa da Chiquita para um espaço apropriado para grandes eventos, chamado O Portal da Amazônia. Segundo o portal eletrônico *Diário Online*, os organizadores da Chiquita contestaram essa possível mudança, assim que souberam, pela imprensa, dessa tentativa de retirar a Chiquita de seu espaço. Em entrevista para o *site*, em 2014, Elói contesta essa medida, avisando que:

Entraremos [os organizadores da Festa da Chiquita] com mandato de segurança no Ministério Público pra garantir a realização da festa na Praça da República. Temos ao nosso lado não só a comunidade LGBTT, como também os afros e quem trabalha com cultura em Belém. Uma mudança dessa tira o sentido da festa, é um absurdo.

Depois de uma tensa disputa política, territorial e afirmativa, a Festa da Chiquita conseguiu permanecer na Praça da República. Além dos conflitos já citados com a Diretoria da Festa, a Festa da Chiquita, em 2015, passou por algumas adequações impostas pela Secretaria de Urbanismo de Belém (SEURB) e pela Prefeitura de Belém, unidas com a Diretoria da Festa. As mudanças implicaram na diminuição do tamanho do palco e na redução do tempo de duração da festa. As determinações das instituições municipais foram consideradas intransigentes pela organização da Festa da Chiquita, visto que nada fora acordado, mas imposto. Seguindo a determinação da Prefeitura de Belém para os eventos realizados em local aberto, no período do Círio, a Festa da Chiquita tem até 1 hora da madrugada de domingo para ser encerrada; antes, o horário era de 4 horas da madrugada.

Mesmo se submetendo as estas exigências, a Festa da Chiquita não foi oficializada como uma festa pertencente às Festas do Círio de Nazaré e, por consequência, não é ajudada financeiramente pela Diretoria da Festa. A Chiquita também não está incluída no calendário anual do Círio de Nazaré e, muito menos, na divulgação que a Diretoria da Festa elabora. Porém, a resistência da Festa da Chiquita, em se manter, por muitos anos, no mesmo espaço é uma forma de persistir em torno de todas as conflitualidades que ela está inserida.

## 4.2 A Chiquita virou patrimônio

Elaborado no Brasil, no ano de 1936 por Mario de Andrade, um documento tinha como principal objetivo criar a primeira instituição nacional de proteção do patrimônio histórico e artístico, solicitado pelo então presidente Getúlio Vargas. Depois de ser elaborado, o documento foi utilizado para se discutir como seria a estrutura da instituição e seus objetivos. Assim sendo, foi criado, em 1937, o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), decretado pela lei nº 25/1937, assinado pelo presidente em 30 de novembro de 1937. O Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional definia, em 1937, que "[...] o conjunto de bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja do interesse público quer por sua vinculação a fatos memoráveis da História do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico" (TOMAZ, 2010, p. 8).

Para Tomaz (2010), foi a partir da criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional que se pode ter uma regulamentação adequada aos bens culturais no Brasil, porque, antes da existência do decreto, havia apenas decisões pontuais sobre os direitos e deveres dos bens patrimoniais culturais do Governo e da sociedade brasileira. Tomaz (2010) também discorre sobre a problemática da constituição do patrimônio no Brasil, porque foi adotado um critério predominantemente estético e voltado à preservação de bens imóveis. Ademais, não havia historiadores no quadro de funcionários do SPHAN, deixando de construir um conceito de preservação do patrimônio cultural brasileiro. Pelegrini (2007) acrescenta esta perspectiva, afirmando que "[...] o reconhecimento do patrimônio cultural brasileiro ficou limitado ao tombamento das obras de arte, de monumento e de conjuntos arquitetônicos, considerados de alto valor histórico ou de antiguidade, na sua maioria de propriedade do Estado e da Igreja Católica, e a alguns sítios arqueológicos" (PELEGRINI, 2007, p. 2). Desta maneira, Tomaz (2011), salienta que:

Nos anos seguintes à organização SPHAN as políticas de preservação do patrimônio no Brasil adotaram uma perspectiva predominantemente estética em detrimento do aspecto histórico, deixando assim de incorporar conceitos da historiografia nacional e internacional tão relevantes para um alcance mais profundo no que diz respeito à preservação do patrimônio (TOMAZ, 2011, p. 10).

A nomenclatura do Instituto foi se modificando durante as décadas para Departamento, Instituto, Secretaria e, de novo, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), como se chama nos dias atuais. Na década de 80, o conceito de preservação, visando somente à preservação de bens imóveis, foi ampliado, atualizando o critério de tombamento de patrimônio nacional, incluindo o inventário e o registro de bens imateriais notáveis, como é exemplificado por Pelegrini (2007), “[...] como celebrações e rituais religiosos e/ou populares (PELEGRINI, 2007, p. 3). Essas medidas adotadas mudaram a dinâmica do patrimônio cultural brasileiro, incluída no artigo 216, da Constituição Federal de 1988, conforme foi classificado em 5 categorias:

I – as formas de expressão;

II – os modos de criar, fazer e viver;

III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V – os conjuntos urbanos ou sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico e científico.

A implementação do Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial pelo Decreto nº 3551/2000 e abertura de novos livros de tomo como o Livro de Registro dos Saberes, o Livro das Formas de Expressão, o Livro das Celebrações e do Livro dos Lugares também contribuíram para a diversidade de bens registrados.

Pelegrini (2007) constata que, a partir dessa mudança, “[...] a proteção dos monumentos e edifícios arquitetônicos do Estado ou da Igreja católica priorizada até meados da década de 1980, passou a conviver como o acautelamento de espaços mais populares (como estações de trem, mercados, terreiros, entre outros)” (PELEGRINI, 2007, p. 3). E, felizmente, a inclusão de bens culturais imateriais contribuiu e continua ajudando a valorizar a memória e reconhecer a pluralidade de um dado grupo social.

O processo de patrimonialização da Festa do Círio de Nossa Senhora de Nazaré foi realizado não só porque é uma grande celebração religiosa do povo paraense que ocorre há séculos, mas porque quatro entidades de Belém solicitaram

ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em dezembro de 2001, o registro do Círio de Nazaré de Belém do Pará, como patrimônio cultural imaterial brasileiro. As entidades solicitantes foram: Arquidiocese de Belém, Diretoria da Festividade de Nossa Senhora de Nazaré, Obras Sociais da Paróquia de Nazaré e Sindicato dos Arrumadores do Estado do Pará.

Henrique (2011) destaca que o Círio de Nazaré inaugurou o Livro de Registro de Celebrações do IPHAN e também foi o primeiro registro aprovado, sendo patrocinado pelo Estado. Para realizar uma pesquisa ampla sobre todos os festejos que estão inseridos nas homenagens à Santa, foi montada uma equipe de pesquisa em Belém, constituída, segundo Henrique (2011) por “[...] um consultor na área de Antropologia, um supervisor (teólogo), quatro pesquisadores de nível superior nas áreas de História, Ciências Sociais e Filosofia e duas assistentes”, trazendo, assim, uma equipe multidisciplinar para que pudessem registrar maiores informações sobre o Círio de Nazaré.

Os conflitos entre a Festa da Chiquita e a Diretoria da Festa do Círio acontecem também no registro do IPHAN. No ano de 2004, a Festa da Chiquita foi incluída no inventário nacional de referências culturais como uma celebração ligada à festividade de Nazaré, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como Patrimônio Imaterial Nacional, devido à festa profana estar, inevitavelmente, atrelada ao evento religioso. Brito e Gomes (2016) destacam que “[...] nesta ocasião, todas as procissões e festividades relacionadas ao evento, que ocorrem durante a quinzena do Círio, foram incorporadas no registro (BRITO e GOMES, 2016, p. 218)”. Mas o evento que causou mais polêmica ao ser integrado pelo IPHAN foi a Festa da Chiquita e, segundo Pantoja (2006), o resultado desse processo ocasionou uma “[...] verdadeira guerra de bastidores entre a Diretoria da Festa e o IPHAN” (PANTOJA, 2006, p. 41). Henrique (2011), um dos pesquisadores responsáveis pela elaboração do inventário e do dossiê, revela que:

No campo dos constrangimentos, cito aquele que foi, a meu ver, o maior de todos, motivo de calorosas discussões com os membros da Diretoria da Festa: a manifesta vontade dos diretores no sentido de excluir do inventário e do dossiê final a Festa da Chiquita, vista por eles como prática profana, ofensiva, sem relação alguma com o Círio de Nazaré (HENRIQUE, 2011, p. 331).

Contrariando a decisão da Diretoria da Festa do Círio, a Festa da Chiquita foi mantida pelos pesquisadores responsáveis pela elaboração do inventário. É importante destacar que, no dossiê elaborado e detalhado pelo IPHAN relata-se que a Festa da Chiquita é repudiada pela Diretoria do Círio e pelas autoridades eclesiásticas e, por vista disso, eles não aceitaram que a Festa da Chiquita fosse incluída no IPHAN. Por outro lado, esse processo potencializou a valorização social da Festa da Chiquita e a legitimou, perante as camadas da sociedade que também não a reconheciam e, com esta decisão, torna-se mais difícil tentar retirá-la do seu espaço. Em vista disso, a Festa da Chiquita ganhou o Prêmio de Boas Práticas de Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, em 2015, por ser um evento bem-sucedido, tanto na sua execução, como em seus resultados de valorização do bem cultural imaterial que a Chiquita se tornou. A Festa da Chiquita apresentou métodos e abordagem que serviram de modelo para serem replicados em outros contextos socioculturais para a preservação de um bem imaterial.

#### 4.3 Notas do produtor cultural sobre a Chiquita

As manifestações culturais transmitem a maneira de viver, refletir e de expressar os diferentes grupos sociais e regiões brasileiras. Elas podem se expressar através de religiões, festas populares, músicas, danças, entre outros tipos de manifestações. Apesar disso, não se pode esquecer das desigualdades de gênero, raciais e étnicas que ainda assombram a sociedade brasileira, desde o período colonial, e isso pode prejudicar a continuidade de diferentes manifestações culturais. À vista disso, Costa (2007) salienta que existe a necessidade de se ter profissionais que fossem o elo entre quem faz cultura e quem a incentiva para se ter a preservação e memória de manifestações culturais.

Para tentar diminuir as desigualdades ainda existentes, o produtor cultural tem como uma das principais finalidades fomentar o pluralismo cultural e, desta maneira, investir na promoção da igualdade e valorizar as expressões de cada segmento cultural. Com esta finalidade, Gardelha e Barbalho (2013) asseveram que:

A complexidade do sistema também exige dos produtores novas leituras do mundo, participação social e o acompanhamento das políticas culturais estabelecidas, além de competências intelectuais aliadas à eficácia nos

resultados, como forma de compreender, justificar, validar e dar permanência à ação cultural (p. 81).

Inserida em um contexto de valorização da diversidade cultural, a atuação do profissional de produção cultural busca transcender as linguagens artísticas tradicionais, sem, contudo minimizar a importância de cada projeto, evento ou programa cultural. O produtor cultural deve, desta forma, proteger e afirmar a diversidade cultural e, principalmente, ter um olhar mais sensível àquelas que não possuem apoio ou patrocínio de empresas ou de instituições públicas, visando auxiliá-las como mediador entre o segmento cultural, as instituições públicas e as empresas. Portanto, são necessárias constantes interlocuções entre estes para que consigam preservar bens culturais ao decorrer dos anos (CUNHA, 2011).

Em busca de preservar um segmento da cultura em favor da diversidade, o produtor cultural deverá saber quais são as demandas necessárias para a realização ou a manutenção do segmento, avaliar o local em que este é realizado, ter noção de quais são as demandas do público alvo e intermediar os possíveis conflitos para a realização do projeto, evento, programa cultural ou revitalizando um espaço de patrimônio cultural ou imaterial. O produtor cultural poderá também atuar de forma direta ou indireta, através elaboração de projetos culturais, buscando o financiamento de empresas ou instituições públicas (CUNHA, 2011).

A Festa da Chiquita constitui uma festividade direcionada para a comunidade LGBT, que homenageia a Nossa Senhora do Nazaré, localizada no mesmo espaço em que ocorrem as outras festividades do Círio de Nazaré.

A resistência da Festa da Chiquita em se manter no mesmo espaço por décadas está relacionada à atitude de afirmação da comunidade LGBT paraense, que se mobiliza em defesa deles mesmos, para que haja respeito aos seus direitos de cidadania. Se ela ocorresse em outro lugar, perderia toda a simbologia, que traz para a comunidade LGBT. É também notório que permanecer na praça se torna algo que visibiliza e sustenta esta comunidade, perante outros segmentos sociais.

É importante salientar que a Festa da Chiquita é uma celebração inclusiva, porque é um evento que afasta a moralidade, sem ter que carregar a necessidade de manter algumas posturas convencionais o que, de fato, não é o perfil da Chiquita, que também não tolera práticas discriminatórias no seu espaço (SILVA FILHO, 2014). A “cara” das Filhas da Chiquita é a irreverência, o bom humor, a alegria, a

extravagância, a vontade de respeitar e ser respeitado, e, claro, homenagear a Nossa Senhora de Nazaré, que, segundo Alves (1980), é a mãe de todo o povo paraense.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, foram abordadas questões sobre a permanência da Festa da Chiquita ser inserida na Festa do Círio de Nazaré. Foram apresentados os conflitos causados pela resistência da festividade referida em se manter em um espaço organizado pelas autoridades eclesiais, representado pela Diretoria do Círio e pela Guarda da Santa. Porém, não foi encontrado nas pesquisas algum tipo de repressão por parte da Guarda da Santa com a Festa da Chiquita. Acerca das pesquisas realizadas sobre os conflitos da Festa da Chiquita com a Diretoria da Festa foram encontradas evidências que sinalizam uma tentativa de retirar ou diminuir a Festa da Chiquita de seu espaço localizado na Praça da República.

Destacou-se também que a Festa da Chiquita é uma legítima celebração com o intuito de homenagear a Santa padroeira do estado do Pará. Trata-se de uma festa direcionada e organizada pela comunidade de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros (LGBT). A Festa da Chiquita, no começo, era formada por um grupo de pessoas que se sentiam — e de fato eram — excluídas da Festa do Círio de Nazaré e de outras festas religiosas. Porém, a Chiquita cresceu, se tornou adulta e se emancipou da necessidade de se afirmar para a Igreja Católica. Ela quer mesmo é dar espaço para quem quer se divertir, se expressar da sua maneira e não ter medo de mostrar quem verdadeiramente é.

A figura de Elói Iglesias, atuando na produção da Festa da Chiquita, desde a década de 90, foi amplamente mostrada neste trabalho porque, nas pesquisas, foram verificados que muitos autores buscam o discurso de Elói para contextualizar seus estudos sobre a Festa da Chiquita e, por esse motivo, afirmamos que Elói é um produtor e o protagonista na luta e preservação da Festa da Chiquita para que a mesma seja realizada anualmente em um espaço religioso.

Para obter maiores informações sobre a produção da Festa da Chiquita que pudessem acrescentar importantes dados neste trabalho, fez-se um contato, pela rede social do *Facebook*, com o coordenador da Chiquita, Elói Iglesias. Foi elaborado o roteiro da entrevista; porém, o Elói não quis respondê-las. Esta decisão foi respeitada e mantivemos a pesquisa com o levantamento bibliográfico.

Ao finalizarmos este estudo, consideramos importante registrar as impressões como produtora cultural, a partir do que foi lido e ouvido sobre o assunto, durante todo o processo de pesquisa. Como este começa bem antes da parte escrita, em

alguns momentos, pareceu que o assunto não se esgotaria. E, com toda certeza, não está se esgotando. Não só pelos conflitos que engloba a Festa da Chiquita, como também pela natureza complexa e problemática do mesmo. Não deixamos de chamar atenção para algumas questões, que, aos poucos, se evidenciaram durante o levantamento bibliográfico, como o processo de patrimonialização da Festa da Chiquita.

Por fim, entendemos que o estudo sobre a Festa da Chiquita está só no começo e que ainda serão necessárias outras pesquisas sobre o tema, como forma de entender os seus desafios, o que, por hora, parece bastante instigante. Esperamos, dessa forma, ter contribuído para a discussão e a produção de bibliografia sobre o tema para estudos culturais e de gênero.

## 6. REFERÊNCIAS

ALVES, Isidoro. **O Carnaval Devoto** – um estudo sobre a festa de Nazaré, em Belém. Petrópolis: Vozes, 1980.

\_\_\_\_\_. A festiva devoção no Círio de Nossa Senhora de Nazaré. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.19 n. 54, 2005, p. 34-48.

AMORIM ALMEIDA, Ivone Maria Xavier. É dia de festa: reflexões sobre os movimentos de transformação do Círio de Nazaré e sua relação com o espaço da cidade de Belém/PA. **Conexão-Comunicação e Cultura**, v. 12, n. 24, 2014.

AS FILHAS da Chiquita. Direção: Priscila Brasil. Brasil. 2006. 52 min. Color.

BORBA, Emilinha. Chiquita Bacana. In:\_\_\_\_\_.**Chiquita Bacana Marcha**. Continental. LP 1916. 1 CD. Remasterizado em digital.

BRITO, Arthur Erik Monteiro Costa; GOMES, Déric Lima. A Festa da Chiquita: espaço sagrado e profano na fé-sta do Círio de Nazaré – Belém-PA. **Revista de Geografia** (Recife)-ISSN: p. 2238-6211, v. 33, n. 1, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistageografia/article/view/229161/23562>>. Acesso em: 02 jun. 2017.

CORRÊA, Ivone Maria Xavier de Amorim. **Círio de Nazaré: a Festa da Fé e suas (re) significações culturais – 1970-2008**. 2010. 244 f. Tese (Doutorado em História). PUC-SP. São Paulo. 2010.

COSTA, Francisco de Assis; et al. **O Círio de Nazaré: economia e fé**. Relatório Final. Núcleo de Altos Estudos Amazônicos/UFGA e Instituto de Economia/UFRJ. Belém. (mimeo.).

COSTA, Antônio Maurício. A Festa dentro da Festa: recorrências do modelo festivo do circuito bregueiro no Círio de Nazaré em Belém do Pará. In: **Revista Campos**, v. 7, n. 2, p. 83-100, 2006. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/campos/article/view/7441/5338>>. Acesso em: 02 jun. 2017.

COSTA, Leonardo Figueiredo. Precedentes para uma análise sobre a formação e a atuação dos produtores culturais. Comunicação e pesquisa: região, mercado e sociedade digital. Salvador: Edufba, 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2007/resumos/R0308-1.pdf>>. Acesso em: 02 jun. 2017.

CUNHA, Maria Helena. Formação do profissional de cultura: desafios e perspectivas. **Políticas Culturais em Revista**, v. 4, n. 1, 2011. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/pculturais/article/view/5314/3850>>. Acesso em: 02 jun. 2017.

DIÁRIO DO PARÁ. **Chiquita é barrada na Festa do Círio**. Publicado em: 28/06/2015. Disponível

em: <<http://www.diarioonline.com.br/entretenimento/cultura/noticia-335325-chiquita-ebarrada-na-festa-do-cirio.html>>. Acesso em: 17 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. **Chiquita este ano será mais curta**. Publicado em: 09/10/2015. Disponível em: <<http://www.diarioonline.com.br/entretenimento/cultura/noticia-346745-chiquita-este-ano-sera-mais-curta.html>>. Acesso em: 17 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. **Festa da Chiquita continuará na praça**. Publicado em: 23/08/2014. Disponível em: <<http://www.diarioonline.com.br/noticia-298653-.html>>. Acesso em: 17 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. **Festa da Chiquita terá adequações este ano**. Publicado em 07/10/2010. Disponível em: <<http://cirio.diarioonline.com.br/noticia-interna.php?nldNoticia=111259>>. Acesso em: 17 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. **Performances de drag queens ganham mais brilho**. Publicado em: 07/10/2016. Disponível em: <<http://m.diarioonline.com.br/entretenimento/cultura/noticia-382298-performances-de-drag-queens-ganham-mais-brilho.html>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. **Possível mudança de local ameaça Festa da Chiquita**. Publicado em 21/08/2014. Disponível em: <<http://www.diarioonline.com.br/noticias/para/noticia-298447.html>>. Acesso em: 17 jun. 2017.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FREITAS, Gabriela Brito de; MARINHO, Ingrid da Silva. **Festa das filhas da Chiquita**: ícone profano e carnalizado em um evento cultural, popular, religioso. UFPA. [entre 2010 e 2016].

GADELHA, Rachel; BARBALHO, Alexandre. Políticas Públicas de Cultura e o Campo da Produção Cultural. Pensamento & Realidade. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Administração-FEA**. ISSN 2237-4418, v. 28, n. 4, 2013. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/pensamentorealidade/article/view/17983/13349>>. Acesso em: 02 jun. 2017.

G1. **Festa da Chiquita simboliza o lado profano do Círio de Nazaré**. Publicado em: 12/10/2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pa/para/cirio-de-nazare/2013/noticia/2013/10/festa-da-chiquita-simboliza-o-lado-profano-do-cirio-de-nazare.html>>. Acesso em: 17 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. **Organização da Festa da Chiquita contesta mudanças no Círio 2014**. Publicado em: 22/08/2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2014/08/organizacao-da-festa-da-chiquita-contesta-mudancas-no-cirio-2014.html>>. Acesso em: 17 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. **Círio 2016 será o mais caro da história, afirma Diretoria da Festa de Nazaré.** Publicado em: 20/09/2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pa/para/cirio-denazare/2016/noticia/2016/09/cirio-2016-sera-o-mais-carro-da-historia-afirma-diretoria-da-festa-de-nazare.html>> Acesso em: 18 jun. 2017

HENRIQUE, Marcio Couto. Do ponto de vista do pesquisador: o processo de registro do Círio de Nazaré como patrimônio cultural brasileiro. **Amazônica**, n.3, v. 2. p. 324-346. 2011. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/article/view/771/1048>>. Acesso em: 02 jun. 2017.

IPHAN. Dossiê Círio de Nazaré. 2º Superintendência Regional/ Pará-Amapá SR, 2004.

IGLESIAS, Elói. Política com farra. A Festa da Chiquita e a expressão política de LGBTs em Belém/PA desde o regime militar (1976-) [31 de julho de 2016]. São Paulo. **Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**, n. 18, 2016. Entrevista concedida a João Filipe Araújo Cruz e Igor Costa Pereira de Souza. Disponível em: <<http://pontourbe.revues.org/3007>>. Acesso em: 02 jun. 2017.

LOPES, José Rogério. Círio de Nazaré: agenciamentos, conflitos e negociação da identidade amazônica, **Religião e Sociedade**, v. 31 n. 1, p. 155-181, 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-85872011000100007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872011000100007)>. Acesso em: 02 jun. 2017.

MATOS, Lucília da Silva. A Festa do Círio de Nazaré em Belém-PA: Relações entre cultura, turismo e lazer. Universidade Federal do Pará. [entre 2010 e 2016].

PANTOJA, Vanda. **Negócios Sagrados: reciprocidade e mercado no Círio de Nazaré.** 2006. 135 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais, área de concentração em Antropologia), UFPA. Belém, 2006.

PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. A diversidade e os impasses da desmaterialização do patrimônio cultural. In: **Simpósio Nacional de História– História e Multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos** Anais–XXIV, 2007. Disponível em: <<https://anais.anpuh.org/?p=14620>>. Acesso em: 02 jun. 2017.

Portal sobre AIDS, infecções sexualmente transmissíveis e hepatites virais. Uma das festas profanas mais tradicionais tem novidade este ano. A 28ª edição da Festa da Maria Chiquita está marcada, tradicionalmente, no bar do Parque, na Praça da República...Publicado em: 07/10/2006. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/noticia/uma-das-festas-profanas-mais-tradicionais-tem-novidade-este-ano-28a-edicao-da-festa-da-maria>>. Acesso em: 22 jun. 2017.

SILVA FILHO, Milton Ribeiro. “Eu Sou a Filha da Chiquita Bacana...” notas antropológicas sobre a Festa da Chiquita em Belém do Pará. **Gênero na Amazônia**, Belém, n. 6, p. 183-212, jul./dez. 2014. Disponível

em:<[http://www.generonaamazonia.ufpa.br/edicoes/edicao6/artigos/9 Eu Sou a Filha da Chiquita.pdf](http://www.generonaamazonia.ufpa.br/edicoes/edicao6/artigos/9_Eu_Sou_a_Filha_da_Chiquita.pdf)>. Acesso em: 02 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. “E a Quadrilha Toda Grita... Viva a Filha da Chiquita!”: notas etnográficas da Festa da Chiquita em Belém-PA. **Ponto Urbe**, São Paulo, n. 16, p. 1-15, 2015.

TOMAZ, Paulo Cesar. A preservação do patrimônio cultural e sua trajetória no Brasil. **Fênix-Revista de História e Estudos Culturais**, ano VII, v. 7, n. 2, 2010.

Disponível

em:<[http://www.revistafenix.pro.br/PDF23/ARTIGO\\_8\\_PAULO\\_CESAR\\_TOMAZ\\_FENIX\\_MAIO\\_AGOSTO\\_2010.pdf](http://www.revistafenix.pro.br/PDF23/ARTIGO_8_PAULO_CESAR_TOMAZ_FENIX_MAIO_AGOSTO_2010.pdf)>. Acesso em: 02 jun. 2017.

VELOSO, Caetano. A filha de Chiquita Bacana. In:\_\_\_\_\_. **Muitos carnavais**. Polygram/Philips, 1977. LP [1977]. 1 CD. Remasterizado em digital.